

## SUMÁRIO

DISCIPULADO NO AT .....	1
1.1. Abraão foi um discípulo fiel e bom exemplo de seguidor .....	3
1.2. A relação entre Moisés e Josué .....	6
1.3. Os artesãos também treinavam e discipulavam outros .....	8
1.4. Eli e Samuel.....	9
1.5. As escolas de profetas .....	10
1.6. Elias e Eliseu: um discipulado que deu certo .....	12
1.7. Davi é exemplo e paradigma no AT do que é um discípulo.....	14
1.8. Baruque: um amigo, um seguidor e um apoio para Jeremias.....	15

## DISCIPULADO NO AT

Isaías 8.16: Guarde o mandamento com cuidado e sele a lei entre os meus discípulos.

Pode parecer forçosa a ideia de falar de discipulado no AT uma vez que são raras as citações deste termo nas páginas do AT. É uma ideia antiga, comum entre os gregos, mas raramente mencionada no AT (1Rs 20.35; 1Cr 25.8; Is 8.16). O judaísmo subsequente, sobretudo pós-exílico, é o que dará mais destaque na relação entre mestre e aluno e discípulo, culminando nos talmidins sobre os quais falaremos mais na seção do NT.

O mundo grego de então já lidava com esta questão em seu dia a dia nas escolas filosóficas, e temos exemplos disto em filósofos importantes como Platão e Aristóteles, além de Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes, e outros. Envolveria uma relação intensa entre mestre e aluno já que o termo discípulo denota desde então o processo de aprendizagem. Nas escolas filosóficas, por exemplo, indicava a

necessidade de adotar a filosofia, as práticas e, também o modo de vida do seu professor também, diferentemente das escolas que temos no Brasil e da forma como se dá a aprendizagem aqui em que o ensino do material ou matéria proposta é também o limite comum da relação entre professor e aluno. Tais mestres ensinavam seus discípulos a pensar, refletir, argumentar, propor soluções e desta forma os incentivava a ter pensamento independente.

A estrutura social e as circunstâncias da vida, além dos desafios do Israel Antigo em meio a guerras, paganismo, idolatria e dos próprios desacertos, impôs formas de relação diferentes e, por conseguinte, formas diferentes de relação ensino-aprendizagem. Os representantes da vontade divina e líderes do povo eram os reis, os sacerdotes e os profetas. As crianças eram educadas em casa, e somente depois do Exílio, onde surgiram as sinagogas, o ensino passou a ser noutra ambiente e sobre isto falaremos adiante. Os reis geralmente recebiam seu ofício por hereditariedade. Os sacerdotes pertenciam aos levitas e chamados por meio de sua filiação. Apenas os profetas podiam ser escolhidos de forma mais aleatória, podendo inclusive descender de sacerdotes (como no caso de Ezequiel, ver Ez 1.3). Alguns profetas podiam ser sucedidos por seus discípulos, como o caso de Elias e Eliseu.

No período dos Reis de Israel o termo "discípulos dos profetas" era comum e veremos com detalhes como isto se dava. Estes discípulos podiam ser enviados para desenvolver o seu ministério em outros lugares (1Reis 20.35; 2Reis 2.3, 5, 7, 4.1, 38; 5.22; 6.1; 9.1 e Am 7.14).

Davi, por exemplo, criou uma escola de música na qual, homens como **Asafe** (que viveu nos tempos de Davi e Salomão e esteve presente na inauguração do templo - 1Cr 15.17-19; 16.4-5; 2Cr 5.12-14), **Jedutum** (Levita da família de Merari. Um dos três grandes diretores musicais, que estavam ao serviço do templo - 1Cr 16.38-41; 2Cr 29.14. É o mesmo que Etã – e diz-se que certos salmos foram por ele compostos, isto é, os salmos 39, 62, 77) e **Hemã** (que foi um dos 3 levitas atribuídos pelo rei Davi, para ministros de música. Ele era neto do profeta Samuel e se tornou vidente do rei Davi, possuindo 14 filhos - 1Cr 6. 33-34, 25.5 – e a quem é atribuído o

Salmo 88) eram responsáveis por reproduzir a música e treinar as gerações seguintes.

### **1.1. Abraão foi um discípulo fiel e bom exemplo de seguidor**

A distância temporal de Abraão e o fato de ser um dos patriarcas, não nos permite rejeitá-lo de forma alguma como modelo de discípulo, seguidor, de homem de fé e obediente, nem mesmo o fato de que ele não tinha referências de como andar ou seguir a fé tendo que conhecer a vontade de Deus de forma mais direta. Isto lhe impôs desafios muito grandes. Ele é, também por isto, nosso paradigma, entre tantas outras questões, de justificação por meio da fé (conf. Rm 4). Todos estes valores são valores pertinentes e importantes na vida de um discípulo de Cristo hoje.

Sabemos que Abraão vivia em uma terra onde a idolatria era comum – Ur dos Caldeus (Gn 15.7). Apesar de criado neste ambiente, ele não teve dificuldades, e nem mesmo parece duvidado, de que era o Deus verdadeiro que o chamava. Ele é convidado a deixar sua terra e sua parentela para se dirigir a uma terra desconhecida e que seria apresentada por Deus (Gn 12.1).

Vemos, ainda em Abraão, outros momentos de obediência radical e extrema, mas sem dúvida é no momento em que Isaque, seu filho, é pedido em oferta de holocausto que vemos sua esta mesma obediência em operação (Gn 22). A tradição de parte do judaísmo talmúdico costuma completar a história afirmando que antes de chegar ao Monte Moriá<sup>1</sup> ou ao país de Moriá, Abraão teria sido avisado dos

---

1 De fato não se sabe exatamente em que monte a oferta teria sido feita. É uma das perguntas sem resposta. O que encontram são apenas indicações. Em 2Crônicas 3,1: “1Salomão começou a construção da casa de lahweh em Jerusalém, sobre o monte Moriá, onde Davi seu pai tinha tido uma visão, no lugar preparado por Davi na eira de Orna, o Jebuseu”. (Crônicas 3.1 – BJ). Este livro identifica o monte Moriá como a colina onde se ergueu o Templo de Salomão em Jerusalém. O lugar do sacrifício de Isaque seria o mesmo onde passou a se sacrificar animais para Deus. Mostra que o Deus dos hebreu rejeitava sacrifício humanos, como os povos vizinhos faziam. Assim o altar de sacrifícios humanos passa a ser o altar do sacrifício de animais. Esta forma de pensar perdura até hoje entre os judeus ortodoxos que vivem em Jerusalém, eles acreditam que no monte do Templo é o mesmo que Abraão quis sacrificar a Isaque. O que diz livro do Gênesis? O texto de Gênesis 22.2: “Deus disse: toma teu filho, teu único, que amas, Isaque, e vai ao país de Moriá”(BJ). Assim o texto fala em país de Moriá, nome que não encontramos referências na Bíblia. Assim se pode pensar que o local do sacrifício permanece desconhecido (consulta em [www.abiblia.org](http://www.abiblia.org)).

planos de Deus de salvar Isaque de alguma forma, mas não temos qualquer indicação na Bíblia deste diálogo e que procura completar esta lacuna que deixa a história ainda mais intrigante. Esta coragem de Abraão e sua obediência tão radical, mesmo em virtude de tamanho (possível) prejuízo, já que perderia seu filho com sua esposa Sara em sua velhice, filho que seria um legítimo herdeiro e resultado de promessa, soa tão radical que muitos homens na história avaliaram e tentaram entender o que se passou ali e na mente de Abraão nos momentos que antecederam a subida com Isaque ao monte. Um destes estudiosos é Søren Aabye Kierkegaard. Segundo ele, neste evento há uma conexão entre a existência humana e a transcendência tal que eleva a condição humana a novos patamares de compreensão e existência e demonstra a possibilidade de novas conexões entre Deus e o homem.

Abraão foi um homem abençoado e muito rico (Gn 24.35). Apesar de ter tido uma família pequena e apenas dois filhos biológicos (Ismael e Isaque) foi a partir dele que surgiram diversos povos (como árabes e judeus) e a três maiores religiões monoteístas que já existiram (judaísmo, cristianismo assim e islamismo). Ele foi um homem que demonstrou ter muita coragem e determinação como no caso em que guerreou para recuperar o seu sobrinho Ló (Gen 14.1-17). Mesmo assim, ele é um modelo de resignação e desprendimento mundano. A resignação é uma atitude na qual alguém aceita uma condição sem querer mudá-la. Mansidão, subserviência e passividade podem ser sinônimas da resignação também. Não apenas quando aceitou oferecer seu filho Isaque, não apenas quando saiu de sua terra em direção a Canaã, mas também quando aceitou mudar suas terras em negociação com seu sobrinho Ló (Gen 13.1-13), para que a paz entre eles e seus empregados fosse mantida, ou quando aceitou as pressões de sua esposa Sara diante da rivalidade que esta mantinha com Agar, mandando esta embora com Ismael<sup>2</sup> (Gen 21.9-10) e confiando que o Senhor cuidaria de ambos.

---

<sup>2</sup> Em Gálatas 4.24.-27 o apóstolo Paulo explica a relação simbólica ente o que acontece entre Sara e Isaque com Agar e Ismael com símbolos do velho pacto e do novo pacto em Cristo Jesus. Em Gênesis 21.12 vemos que haveria entre eles a disputa da primogenitura e muitas implicações

Abraão é também um modelo de fidelidade. Fidelidade entendida aqui como fé (crendo no impossível) e como ser confiável e íntegro. Abraão contava com a confiança de Deus, como um amigo, mas contava também com a admiração e respeito de seus contemporâneos como no caso de Abimeleque já que vemos as alianças e o tempo que Abraão viveu com ele em Gênesis 21.22-34. No episódio com Abimeleque, Abraão conta a mesma mentira que contara no Egito (Gen 12.10-20), coloca a vida de Abimeleque e dos seus em risco, mas mesmo assim conta com seu favor recebendo dele riquezas e a liberdade (Gen 20.1-18).

Os patriarcas foram peregrinos. Não foi em sua geração que a nação escolhida herdou a terra de Canaã e a ocupou definitivamente. Abraão veio de uma terra distante e passou pelo Egito (Gen 12.10-20), Isaque viveu entre os filisteus (Gn 26, mesma terra onde seu morara também), Jacó termina sua vida no Egito (Gn 46).

Assim, temos Abraão como exemplo de alguém que segue a vontade de Deus e por ele tem coragem e ousadia.

---

naquele momento e posteriormente que complicariam os planos de Deus e mesmo de Abraão. No entanto, a mesma passagem mostra como que, a partir de Ismael, uma grande nação surgiu. Quanto a lei do concubinato e o fato de Abraão ter despedido Agar e Ismael, vejamos o que dizia o famoso código de Hamurabi, datado em algum período entre 1792 e 1750 a.C.: “Quando a primeira esposa de um nobre lhe gerar filhos e sua escrava também lhe gerar filhos, se o pai em vida declarar: “[estes] são meus filhos’ - referindo-se aos filhos que ele teve com a escrava - então estes serão contados com os filhos de sua primeira esposa quando ele morrer. E os filhos da primeira esposa e os filhos da escrava terão direitos iguais, salvo o primogênito da primeira esposa: este terá a preferência na partilha dos bens. Contudo, se o pai em vida não declarar: “[estes] são meus filhos’ - referindo-se aos filhos que ele teve com a escrava - então, após a sua morte, os filhos da escrava não receberão a partilha junto com os filhos da primeira esposa. Tanto a escrava quanto seus filhos terão direito à liberdade e os filhos da primeira esposa não terão o direito de reclamar os filhos da escrava para serem seus servos.” Esse costume pode parecer estranho à nossa compreensão, mas devemos nos lembrar que Abraão estava apenas seguindo uma tradição cultural de uma época. Por que, então, Deus não o impediu de praticar aquilo, isto é, deserdar Ismael? Ora, se lermos os mandamentos dados por Moisés, veremos que Deus, aos poucos, foi corrigindo algumas dessas e de outras práticas através das leis dadas ao povo hebreu. Afinal, a história nos mostra que as mudanças culturais demoram algum tempo para se concretizar na mente dos povos, pois a humanidade tem uma grande resistência às mudanças de paradigmas, mesmo quando tais mudanças têm como objetivo o bem-estar de todos (consulta em [http://www.rmesquita.com.br/leis\\_matrimoniais.htm](http://www.rmesquita.com.br/leis_matrimoniais.htm)).

## **1.2. A relação entre Moisés e Josué**

A história de Moisés é muito conhecida. Nos capítulos 3 e 4 de Êxodo temos seu encontro com Deus e uma conversa intensa e cheia de desculpas e tentativas de escapar. Apesar deste início vacilante, ele se tornou o grande líder dos judeus, sendo considerado com respeito e reverência pelos mesmos até hoje. Ele levou seu povo com sucesso por uma caminhada extremamente perigosa, cheia de conflitos, mas também repletas de momentos extraordinários rumo a Terra Prometida.

Se o Moisés de Êxodo 3-4 é um modelo do que não fazer, o Moisés das demais páginas da Bíblia assombra por sua coragem e perseverança. Seu relacionamento com Deus também é notório a ponto de ouvirmos Deus dizendo que falava com ele face a face e sem quaisquer enigmas, mas claramente (Nm 12.8). Isto foi dito no contexto em que Miriã e Arão estão se rebelando contra a liderança de Moisés. Além do desafio de encarar Faraó e do sofrimento pessoal por viver tanto tempo no deserto, diariamente ele se sobrecarregava com o cuidado do povo e com suas lamentações, traições e rebeldias, como por exemplo, entre Números 11-14 quando a revolta e murmurações parecem atingir o seu ápice trazendo juízo de Deus contra todo o povo.

Moisés mereceria, como Abraão, um longo comentário em nosso texto, mas vamos nos focalizar na relação dele com seu sucessor Josué. Ambos tinham características distintas. Moisés era um líder, profeta e legislador. Josué foi um líder militar encarregado de entrar na Terra Prometida e fazer as primeiras guerra e ocupações. No entanto, viveram juntos, e Josué passou por um processo de sucessão consciente e programado. E podemos falar da relação de Moisés com Josué como uma relação de discipulado. Esta é a história de um discipulado que deu certo e que durou cerca de 40 anos já que ambos, Moisés e Josué, atingiram seus objetivos pessoais e coletivos: foram fiéis a Deus e conquistaram a Terra Prometida, ainda que Moisés tenha apenas visto e não entrado. Moisés influenciou com fé, serviço a Deus e coragem a vida de Josué. Josué testemunhou milagres operados por Moisés, seus conflitos com o povo, suas decisões e seu relacionamento com Deus.

É no momento do envio dos espias para estudar e espiar a terra de Canaã em Números 13 que esta relação se consolida. Entretanto, vemos em Êxodo 33.11 que Josué já atuava com Moisés como seu ajudante a muito tempo - "O Senhor falava com Moisés face a face, como quem fala com seu amigo. Depois Moisés voltava ao acampamento; mas Josué, filho de Num, que lhe servia como auxiliar, não se afastava da tenda". Sendo Moisés o líder do povo e Deus, tendo Deus já falado e feito grandes coisas através dele, libertando-os do povo egípcio e fazendo inúmeros milagres, pressupomos que Josué acompanhou tudo de perto por estar sempre ao lado de Moisés. Apesar de todas as maravilhas já vistas pelo povo, todos deveriam esperar que mais uma vez sairiam vitoriosos e teriam o cumprimento das promessas divinas. Mas o maior milagre que eles esperavam era chegar à terra prometida, onde eles seriam finalmente constituídos como uma nação. Então, por orientação de Deus, Moisés *enviou alguns líderes das famílias israelitas em uma missão de reconhecimento à terra de Canaã*. Esses representantes viram coisas maravilhosas, como os frutos maravilhosos da terra, sua geografia favorável (Nm 13.27-29), porém se consideraram incapazes de lutar com um povo tão forte e poderoso como os canaanitas (Nm 13.31-32). Apenas Calebe e Josué tentaram animar e convencer o povo dizendo que Deus estaria com eles, que seriam capazes de conquistar a terra, como já haviam sido vitoriosos em batalhas anteriores mesmo não sendo guerreiros experimentados. Em Números 14.5 parecem ter desanimado porque caíram prostrados enquanto todo povo lamentava e murmurava contra aquele relatório. As palavras de Josué são fortes e animadoras:

Josué, filho de Num, e Calebe, filho de Jefoné, dentre os que haviam observado a terra, rasgaram as suas vestes e disseram a toda a comunidade dos israelitas: "A terra que percorremos em missão de reconhecimento é excelente". Se o Senhor se agrada de nós, ele nos fará entrar nessa terra, onde manam leite e mel, e a dará a nós. Somente não sejam rebeldes contra o Senhor. E não tenham medo do povo da terra, porque nós os devoraremos como se fossem pão. A proteção deles se foi, mas o Senhor está conosco. Não tenham medo deles! "

O vigor, a jovialidade e fidelidade de Josué o capacitavam como grande líder. Moisés, por sua vez, investiu nestas características de Josué, ou seja, *assim que fora identificado, Josué começou a ser preparado*. A sabedoria de Moisés

sustentava e orientava a jovialidade de Josué. Um dos momentos que ilustram esta parceria, ou relação de discípulo e discipulador, se deu batalha contra os amalequitas. Moisés, já velho precisou que suas mãos fossem sustentadas por Hur e Arão enquanto Josué batalhava em campo (Ex 17.8-13). A sucessão de comando de Israel de Moisés para Josué parece ter sido natural. Josué já construía esta relação e esta transição. No primeiro capítulo de Josué (1.8) logo depois da morte de Moisés, o Senhor concedeu a liderança do povo a Josué. Ele conduziria o povo para atravessar o Jordão e tomar a Terra prometida. E Deus recomenda que Josué fosse forte e corajoso em sua missão. Foi no discipulado com Moisés deu a Josué o poder e sabedoria do Espírito Santo, tornando-o forte e corajoso para obedecer e ser vitorioso. Em poucos momentos da história de Israel no AT vimos a nação tão unida. *Discipulado, no caso de Moisés e Josué, consistiu em comprometimento de vida, já que durante a vida de Moisés Josué o obedeceu e serviu e ambos foram fortalecidos e cresceram. O resultado foi que Deus deu vitória a todos e uniu a nação.*

### **1.3. Os artesãos também treinavam e discipulavam outros**

Êxodo 35.30-35: Disse então Moisés aos israelitas: "O Senhor escolheu Bezalel, filho de Uri, neto de Hur, da tribo de Judá, e o encheu do Espírito de Deus, dando-lhe destreza, habilidade e plena capacidade artística, para desenhar e executar trabalhos em ouro, prata e bronze, para talhar e lapidar pedras, entalhar madeira para todo tipo de obra artesanal. E concedeu tanto a ele como a Aoliabe, filho de Aisamaque, da tribo de Dã, a habilidade de ensinar os outros. A todos esses deu capacidade para realizar todo tipo de obra como artesãos, projetistas, bordadores de linho fino e de fios de tecido azul, roxo e vermelho, e como tecelões. Eram capazes para projetar e executar qualquer trabalho artesanal".

Veremos mais adiante, quando falarmos de Davi, que o mesmo criou uma escola de músicos para atender às necessidades do culto e do dia a dia do tabernáculo e posteriormente do templo. Aqui veremos a função especial de outro grupo que trabalharia no tabernáculo e seriam (como grupo) importantes quando, muito mais tarde, o templo seria construído. Falamos da necessidade e da participação de Bezalel e Aoliabe na vida religiosa e diária de Israel.

Ambos foram responsáveis por construir o tabernáculo e os utensílios que seriam usados no tabernáculo. A informação mais importante do texto para nossa

avaliação é que ambos também foram capacitados por Deus por meio do seu Espírito a ensinar os que os ajudariam e, conseqüentemente, os substituiria. Talvez ignoremos o quanto esta informação possa ser importante para hoje, mas basta pensarmos no dia a dia da igreja e das diversas necessidades que temos para o desenvolvimento das atividades: ornamentação, arrumação, comunicação, manutenção, construção, logística, segurança, etc. Bezalel e Aoliabe são os precursores destes que são importantes na vida diária da igreja até hoje.

Eles, no entanto, não estavam preocupados apenas em fazer bem o seu trabalho, mas em ensinar a outros que pudessem no primeiro momento ajudar e posteriormente substituí-los.

#### **1.4. Eli e Samuel**

Sabemos que a vida familiar de Eli não foi das melhores. Seus filhos morreram em desonra e eram indesejados pelo povo. A morte de Eli e de seus filhos Hofni e Finéias, se dá no contexto de vitória dos filisteus e sequestro da Arca da Aliança (1Sm 4.1-22). Naquele dia um dos netos de Eli nasceu e a ele deram o nome de Icabode, pois a Glória do Senhor se fora (1Sm 4.21-22).

Quanto a Samuel, filho de Ana, sabemos que fora dedicado desde o ventre ao Senhor e que muito cedo foi entregue aos cuidados do sacerdote Eli para ser consagrado a Deus. A chamada de Samuel, no tabernáculo, onde entendamos era a Casa de Deus, marca a trajetória singular daquele homem. Mesmo em um ambiente corrompido e cheio de riscos, Samuel permaneceu fiel a Deus e jamais se desviou. Suas palavras de despedida em 1Samuel 12.1-25 são um registro detalhado de seu caráter, amor a Deus e ao seu povo. Desde pequeno serviu ao Senhor ao lado de Eli e sua mãe o visitava ano após ano naquele lugar.

Eli ensinou a Samuel as tarefas diárias, mas acima de tudo o ensinou a falar e ouvir o Senhor, mesmo que aquela mensagem inicial ouvida por Samuel fosse contrária à própria família de Eli (1Sm 3.11-14)<sup>3</sup>. No entanto, podemos afirmar que

---

<sup>3</sup> Em 1Samuel 1.27-36 vemos que um outro profeta, que não é nomeado, já havia advertido e prenunciado o futuro da família de Eli e o futuro de Israel.

Eli não foi uma referência completamente segura para Samuel, sobretudo no aspecto familiar, mesmo assim, Samuel se destacou como profeta e sacerdote servindo ao Senhor de todo coração e se tornando um exemplo de testemunho e da presença de Deus naquela geração.

### **1.5. As escolas de profetas**

1Reis 20.35: Por ordem do Senhor um dos discípulos dos profetas disse ao seu companheiro: “Fira-me”, mas o homem se recusou a fazê-lo.

2Reis 2.3: Em Betel os discípulos dos profetas foram falar com Eliseu e perguntaram: “Você sabe que hoje o Senhor vai levar para os céus o seu mestre, separando-o de você?” Respondeu Eliseu: “Sim, eu sei, mas não falem nisso”.

1Crônicas 25.8: Então tiraram sortes entre jovens e velhos, mestres e discípulos para designar-lhes suas responsabilidades.

A escola de profetas do AT era uma instituição de ensino Testamento cujo objetivo era a transmissão dos valores morais e espirituais que Deus havia entregado a Israel através de sua Palavra ao longo de todos os tempos começando pela formação do povo no deserto na liderança de Moisés. Os filhos, ou discípulos, dos profetas estavam radicados em Betel, Jericó e Gilgal (2Rs 2.3, 5, 7, 15; 4.38). O fato serve para mostrar que a educação religiosa, ou formal, já recebia destaque no antigo Israel, mas sofreria variações após o Exílio. Estas escolas não ensinavam a profetizar, já que era entendido como uma atribuição dada por Deus o que, para o NT entenderíamos com um dom espiritual. Estas escolas estavam preocupadas em manter a herança cultural e espiritual de Israel.

Em 2Reis 6.1 lemos: “Eis que o lugar em que habitamos diante da tua face nos é estreito. Vamos, pois, até ao Jordão, e tomemos de lá, cada um de nós, uma viga, e façamo-nos ali um lugar, para habitar ali”. Vemos que estas escolas possuíam uma estrutura física. Era uma comunidade que careciam de espaço para habitação e para serem instruídos e espaços maiores foram requeridos como podemos perceber pelo texto. Eles tinham supervisores e um líder espiritual para guia-los e podem ter surgido com Samuel (1Sm 10.5, 10; 19.20) e, posteriormente, consolidaram-se com a monarquia nos ministérios de Elias e Eliseu. No texto de

2Reis 6.1, verificamos que os discípulos dos profetas estavam sob a orientação de Eliseu, que além de seus dons sobrenaturais tinha uma função pedagógica.

As escolas de profetas eram responsáveis pelo treinamento dos discípulos sobre orientação de um líder, mas logo poderiam agir por conta própria em determinadas situações (1Rs 20.35). Uma pequena, mas importante variável com o NT é que o discípulo no NT deve compartilhar seu aprendizado com o outro.

Além disto, tais escolas eram locais de encorajamento. Ao transmitir o que tinham aprendido do Senhor, homens como Elias e Eliseu encorajavam os seus discípulos a continuarem a aprender e a confiar plenamente no Senhor.

A Escritura era fundamental nestas escolas de profetas. A Palavra de Deus fazia parte do conteúdo ensinado nas escolas de profetas. Dele, Eliseu recebeu essa herança. Estando no monte Sinai, vemos quando Elias queixou-se de que os israelitas haviam abandonado a Aliança, haviam destruído os locais do verdadeiro culto e, infelizmente, matado os profetas do Senhor (1Rs 19.10). A experiência dos profetas de Deus era partilhada com os discípulos (2Rs 2.15, 19-22; 4.1-7 e 42-44), ainda que esta experiência não esteja acima da Revelação Divina. A experiência é julgada pela Palavra de Deus e não o contrário (1Rs 18.36). Os mais jovens deviam ser humildes e aprender com o mais velhos.

O exemplo dos profetas era uma grande arma de ensino. Os discípulos conviviam com os profetas e tinham em seus feitos e palavras modelos a serem seguidos. Não podemos negar que Eliseu, por exemplo, ensinava através do exemplo porque há relatos sobre os milagres de Eliseu, nos quais se percebe que o aprendizado acontecia através da observação das ações do profeta. Geazi, discípulo de Eliseu, sabia que seu mestre era um exemplo de honestidade.

Deste modo, centrados na Palavra e no exemplo, as escolas de profetas eram responsáveis pelo ensino formal e informal dos discípulos.

## 1.6. Elias e Eliseu: um discipulado que deu certo

2Reis 2.5: Em Jericó os discípulos dos profetas foram falar com Eliseu e lhe perguntaram: “Você sabe que hoje o Senhor vai levar para os céus o seu - mestre, separando-o de você?” Respondeu Eliseu: “Sim, eu sei, mas não falem nisso”.

2Reis 2.7: Cinquenta discípulos dos profetas os acompanharam e ficaram olhando a distância, quando Elias e Eliseu pararam à margem do Jordão.

2Reis 2.15: Quando os discípulos dos profetas, vindos de Jericó, viram isso, disseram: “O espírito profético de Elias repousa sobre Eliseu”. Então foram ao seu encontro, prostraram-se diante dele e disseram:

2Reis 4.1: Certo dia, a mulher de um dos discípulos dos profetas foi falar a Eliseu: “Teu servo, meu marido, morreu, e tu sabes que ele temia o Senhor. Mas agora veio um credor que está querendo levar meus dois filhos como escravos”.

2Reis 4.38: Depois Eliseu voltou a Gilgal. Nesse tempo a fome assolava a região. Quando os discípulos dos profetas estavam reunidos com ele, ordenou ao seu servo: “Ponha o caldeirão no fogo e faça um ensopado para estes homens”.

2Reis 5.22: Geazi respondeu: “Sim, tudo bem. Mas o meu senhor enviou-me para dizer que dois jovens, discípulos dos profetas, acabaram de chegar, vindos dos montes de Efraim. Por favor, dê-lhes trinta e cinco quilos de prata e duas mudas de roupas finas”.

2Reis 6.1: Os discípulos dos profetas disseram a Eliseu: “Como vês, o lugar onde nos reunimos contigo é pequeno demais para nós”.

2Reis 9. 1: Enquanto isso o profeta Eliseu chamou um dos discípulos dos profetas e lhe disse: “Ponha a capa por dentro do cinto, pegue este frasco de óleo e vá a Ramote-Gileade”.

Elias e Eliseu são conhecidos pelos seus grandes feitos, pela ousadia que tiveram e por suas histórias cheias de detalhes impressionantes, mas a relação entre ambos é também fundamental para nossa compreensão do discipulado. Eliseu teve Elias como referência e até suas obras específicas serviram de modelo e de meta para Eliseu.

Eliseu, cujo nome significa “Deus é salvação”, foi substituto de Elias na condução do povo de Deus. Elias liderou Israel por 50 anos. Sua vida, assim como a de Elias, está registrada nos livros dos Reis. Temos apenas uma referência dele no NT feita por Jesus (Lc4.27). Não há detalhes muito precisos na Bíblia sobre sua descendência ou família, apenas que era de família temente a Deus e que trabalhava na fazenda do seu pai. Este período era de grande afastamento do povo

da vontade de Deus. Elias já passara por muitos momentos difíceis e estava desgastado com a idolatria e desobediência do povo e carecia de um substituto (1Re 19). Neste período Elias chega a desejar a própria morte (1Re 19.4). Ainda lhe era necessário ungir dois Reis e colocar um profeta em seu lugar e, este nomeado, foi Eliseu (1Reis 19.19-21). O texto de 1Reis 19 fala da prontidão de Eliseu a atender o chamado feito por Elias e diz que ele prontamente o atendeu se tornando o seu auxiliar. O texto diz, também, que Elias lançou a capa sobre Eliseu em um gesto claro de que Eliseu seria seu sucessor. Não há, como acontece no NT também, discussão de condições e nem mesmo pergunta a respeito do que a vida de Eliseu seria a partir de então, ainda que possamos supor que boa parte desta nova vida não lhe fosse segredo já que provavelmente conhecia Elias. Eliseu deixou o conforto de seu lar e toda estabilidade que lhe era garantida e seguiu Elias para substituí-lo dentro de algum tempo como profeta.

A preparação de Eliseu consistiu em servir humildemente a Elias e acompanhá-lo. Em 2Reis 3.11 vemos a expressão "derramar águas sobre as mãos de Elias" simbolizando esta subserviência e humildade. Esta marca é extremamente importante na vida de um discípulo: humildade para servir e aguardar o tempo certo de agir e assumir responsabilidades. O momento da partida de Elias é que assinala o tempo de Eliseu começar a servir como profeta em seu lugar (2Reis 2:1-12). Eliseu desejou o dobro da unção de Elias e para isto devia estar presente quando ele partisse. Três vezes Elias disse a Eliseu que ficasse onde estava porque o SENHOR queria que Elias fosse a outro lugar. Em todas essas vezes, Eliseu insistiu em seguir junto com Elias, dizendo as mesmas palavras: "[...] *Fique aqui, pois o Senhor me enviou a Betel*". Eliseu, porém, disse: "*Juro pelo nome do Senhor e por tua vida, que não te deixarei ir só [...]*." (2Re 2.2, 2.4, e 2.6). Por três vezes Elias intentou deixá-lo só, mas ele insistiu em segui-lo. Em 2Reis 2.9-10 vemos quando ele pediu a unção dobrada e o desafio feito por Elias.

Sua perseverança é outra característica a ser destacada mesmo que eventualmente a sucessão já estivesse definida ele não arredou de seus compromissos e não relaxou. Não havia nele a pressa costumeira dos jovens e nem a presunção de que estava pronto e de que não devia esperar o momento

adequado. Com certeza, o longo ministério e a vida de sacrifício de Elias serviram como modelo para Eliseu.

Como era de se esperar, o ministério de Eliseu foi profundo e intenso já que provou ser um homem de grande energia, ativo, que falava com autoridade, íntegro, idade incorruptível, confiante, fiel e de grande visão espiritual. Uma informação curiosa e que vale a pena repetir aqui é que, ao pedir o dobro da unção, e entenda-se aqui o dobro das obras, Eliseu faleceu sem ter ressuscitado a segunda pessoa, mas sobre os seus ossos um cadáver ressuscitou (2Reis 13.21).

### **1.7. Davi é exemplo e paradigma no AT do que é um discípulo**

1Samuel 13: 14: Mas agora seu reinado não permanecerá; o Senhor procurou um homem segundo o seu coração e o designou líder de seu povo, pois você não obedeceu ao mandamento do Senhor".

Vários elogios, comentários e referências são feitas a Davi em toda a Bíblia, entre eles um *"homem segundo o coração de Deus"* (1Sm 13.14; At 13.22); *um padrão para os Reis de Judá*, apesar de apenas quatro deles terem se encaixado nesta descrição: Asa em 1Reis 15.11; Josafá em 1Reis 22.41; Ezequias em 2Reis 18.1-3 e Josias, em 2Crônicas 35-36. E ainda outros, mesmo que não tanto quanto os anteriores: Joás, Amazias, Azarias, Uzias e Jotão. Davi serviu fielmente a Saul mesmo que este, movido por inveja, tenha desejado matá-lo e o tenha perseguido durante tanto tempo (1Sm 18-19). A importância de Davi para os judeus é inestimável. O próprio Jesus é chamado de Filho de Davi e tido como aquele que se assentará para sempre em seu trono (Mt 1.1, Lc 1.32). Por estas e por outras razões ele é uma referência importante para um discípulo de Jesus também.

Mesmo assim foi um homem com muitas limitações e dificuldades que trouxeram diversos problemas para ele. Ser um homem de sangue, ou seja, que havia matado tantas pessoas em guerras o impediu de construir o templo de Deus para o qual trabalhou tanto (1Cr 22.7-8), teve uma vida familiar muito conturbada por causa de seu pecado com Bete-Seba, além de ter mortes sem fim durante seu reinado (2Sm 12.1-19). Também trouxe problemas para Israel por tomar decisões

erradas, como no censo de Israel (2Sm 24, 1Cr 21)<sup>4</sup>. Estas referências não podem ser usadas para justificar os erros de alguém e permitir que hoje tenhamos liberdade para pecar. Basta ler os Salmos 32 e 51, além dos textos de 2Samuel, para ver os grandes custos pagos por Davi por causa dos seus pecados, mas vale igualmente ter atenção ao seu arrependimento, contrição e conversão<sup>5</sup>. Características igualmente fundamentais na vida de um discípulo.

### **1.8. Baruque: um amigo, um seguidor e um apoio para Jeremias<sup>6</sup>**

Embora seja mencionado em apenas quatro capítulos da Bíblia, ele é bem conhecido dos leitores das Escrituras como secretário e grande amigo do profeta Jeremias. Juntos enfrentaram os últimos 18 anos turbulentos do reino de Judá, a terrível destruição de Jerusalém pelos babilônios em 607 a.C. e o conseqüente exílio no Egito. Em anos recentes, as descobertas de duas bulas\* do sétimo século a.C, com os dizeres “Pertencente à Berekhyáhu [nome de Baruque em hebraico], filho de Neriyáhu [nome de Nerias em hebraico], o Escriba”, tem despertado o interesse de eruditos nesse personagem bíblico. Quem era Baruque? De que família procedia, qual era seu nível de instrução e sua posição? O que revela seu firme apego a Jeremias? O que podemos aprender dele? Procuremos as respostas examinando as informações bíblicas e históricas disponíveis.

Muitos eruditos hoje acreditam que Baruque pertencia a uma destacada família de escribas, em Judá. Eles apontam várias razões para essa conclusão. Por exemplo, o relato bíblico usa um título especial para Baruque, ou seja, “o secretário”; ou “o escrivão”, “o escriba”, em algumas traduções. As Escrituras mencionam

---

<sup>4</sup> As referências aqui citadas são parte de uma controvérsia interessante e que pode, inclusive, ser interessante para nosso debate aqui. Afinal de contas, quem ordenou o censo: Deus ou o Satanás? O texto de 2Samuel 24.1 diz que foi Deus em função de sua ira, enquanto o texto de 1Crônicas 21.1 diz que foi Satanás. É importante notar que pelo contexto fica claro que Satanás foi usado, autorizado ou não impedido por Deus de induzir Davi a este pecado que contrariava a vontade de Deus levando Davi a pecar por orgulho. Deus havia cercado Davi de riquezas e poder, ele não devia contar nada para se gabar.

<sup>5</sup> Uso a palavra conversão aqui nem tanto no sentido teológico de mudança de vida, com aquela que deve acontecer na vida de qualquer um que aceite o Senhorio de Cristo, mas no sentido mais básico de mudar de direção e abandonar a prática do pecado.

<sup>6</sup> Extraído de <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2006604>.

também que Seraías, seu irmão, era um dignitário na corte do Rei Zedequias (Jer 36.32, 51.59).

O arqueólogo Philip J. King escreveu a respeito dos escribas nos dias de Jeremias: “Os escribas, membros de uma categoria profissional, eram preeminentes em Judá em fins do sétimo século e início do sexto século a.C. O título era dado aos dignitários da corte”.

Além disso, o relato em (Jer 36), que analisaremos em detalhes, passa a impressão de que Baruque tinha acesso aos conselheiros do rei e permissão de usar o refeitório, ou o gabinete de Gemarias, um príncipe ou um dignitário. O erudito bíblico James Muilenberg argumenta: “Baruque podia entrar no gabinete do escriba porque tinha esse direito, e ele mesmo era um dos dignitários da corte que se haviam reunido na decisiva ocasião da leitura pública do rolo. Ele estava entre seus pares”.

A publicação *Corpus of West Semitic Stamp Seals* (Coleção de Lacres Semíticos Ocidentais) acrescenta outro argumento para comprovar a posição de Baruque: “Visto que a bula de Berekhyáhu foi encontrada junto com um grande grupo de bulas de outros dignitários, é razoável presumir que Baruque/Berekhyáhu atuava na mesma categoria em que operavam os outros dignitários.” As informações disponíveis parecem indicar que Baruque e seu irmão Seraías eram dignitários que apoiavam o fiel profeta Jeremias nos anos momentosos que precederam à destruição de Jerusalém.

Cronologicamente, Baruque aparece pela primeira vez em Jeremias 36, “no quarto ano de Jeoiaquim”, ou cerca de 625 a.C. Nessa época, Jeremias já servia como profeta havia 23 anos (Jer 25.1-3, 36.1- 4).

Yaweh disse então a Jeremias: “Toma para ti um rolo de livro e tens de escrever nele todas as palavras que te falei contra Israel e contra Judá, e contra todas as nações, desde os dias de Josias, até o dia de hoje.” O relato continua: “Jeremias passou a chamar Baruque, filho de Nerias, para que Baruque escrevesse da boca de Jeremias todas as palavras de Jeová” (Jer 36.2-4).

Por que Baruque foi convocado? Jeremias lhe disse: “Estou encerrado. Não posso entrar na casa de Jeová.” (Jer 36.5). Evidentemente, Jeremias estava proibido de entrar na área do templo onde seria lida a mensagem de Jeová, talvez porque mensagens anteriores tivessem irritado as autoridades. (Jer 26.1-9) Baruque era, sem dúvida, um sincero adorador de Jeová, e “passou a fazer segundo tudo o que Jeremias, o profeta, lhe ordenara” (Jer 36.8).

A escrita de todos os alertas que haviam sido dados nos 23 anos anteriores exigiu tempo, e pode ser também que Jeremias tenha esperado o momento oportuno. Mas, em novembro ou dezembro de 624 a.C., Baruque corajosamente “começou a ler alto do livro as palavras de Jeremias, na casa de Jeová, no refeitório de Gemarias, aos ouvidos de todo o povo” (Jer 36.8-10).

Micaías, filho de Gemarias, relatou o acontecido a seu pai e a vários príncipes, que convidaram Baruque a fazer mais uma leitura do rolo em voz alta. “Aconteceu que”, diz o relato, “assim que ouviram todas as palavras, olharam-se uns aos outros apavorados; e passaram a dizer a Baruque: ‘Sem falta contaremos todas estas palavras ao rei. Vai, esconde-te, tu e Jeremias, para que absolutamente ninguém saiba onde estais’” (Jer 36.11-19).

Quando o Rei Jeoiaquim ouviu os escritos de Baruque ditados por Jeremias, furiosamente rasgou o rolo, jogou-o no fogo e mandou que seus homens prendessem Jeremias e Baruque. Às ordens de Jeová, o profeta e seu secretário fizeram uma cópia do rolo no esconderijo (Jer 36.21-32).

Baruque sem dúvida estava ciente dos perigos envolvidos nessa designação. Com certeza sabia das ameaças feitas contra Jeremias alguns anos antes. E deve ter ouvido falar do que aconteceu com Urijá, que havia profetizado “de acordo com todas as palavras de Jeremias”, mas foi morto pelo Rei Jeoiaquim. Ainda assim, Baruque se dispunha a usar sua capacidade profissional e suas relações com autoridades governamentais para apoiar Jeremias nessa designação (Jer 26.1-9, 20-24).

Durante a escrita do primeiro rolo, Baruque passou por um período de aflição. Ele exclamou: “Ai de mim, pois, porque Yaweh acrescentou pesar à minha dor! Fatiguei-me por causa do meu suspiro e não achei lugar de descanso.” Qual era o motivo dessa crise? (Jer 45.1-3).

Não se fornece nenhuma resposta direta. Mas tente imaginar a situação de Baruque. O sumário de 23 anos de alertas aos povos de Israel e de Judá certamente deixou bem evidente a apostasia deles e o fato de terem rejeitado a Deus. A decisão de Yaweh de destruir Jerusalém e Judá e manter a nação exilada em Babilônia por 70 anos — informação que Yaweh revelou naquele mesmo ano e talvez incluída no rolo — certamente abalou Baruque. (Jer 25.1-11) Além do mais, havia o risco de que seu apoio firme a Jeremias naquele período crítico pudesse custar-lhe sua posição e sua carreira.

Seja como for, o próprio Yaweh interveio para ajudar Baruque a ter em mente o julgamento que estava por vir. “Derrubo o que edifiquei e desarraigo o que plantei, até mesmo todo o país”, disse Jeová. Em seguida, deu este conselho a Baruque: “No que se refere a ti, estás procurando grandes coisas para ti. Não continues a procurar” (Jer 45.4,5).

Yaweh não especificou essas “grandes coisas”, mas Baruque com certeza sabia se eram ambições egoístas, destaque ou prosperidade material. Yaweh o aconselhou a ser realista e ter em mente o que estava para acontecer, dizendo: “Eis que trago uma calamidade sobre toda a carne, e vou dar-te a tua alma por despojo em todos os lugares aos quais fores.” O bem mais precioso de Baruque, a sua vida, seria preservada em qualquer lugar a que ele se dirigisse (Jer 45.5).

Depois desses eventos narrados em Jeremias, capítulos 36 e 45, que ocorreram de 625 a 624 a.C., a Bíblia só volta a falar em Baruque alguns meses antes de os babilônios destruírem Jerusalém e Judá, em 607 a.C. O que aconteceu então?

Durante o cerco de Jerusalém pelos babilônios, Baruque reaparece no relato bíblico. Jeremias estava “sob restrição no Pátio da Guarda” quando Yaweh lhe disse

que comprasse as terras de seu primo em Anatote, como sinal de que haveria uma restauração. Baruque foi convocado para ajudar nos procedimentos legais (Jer 32.1, 2, 6, 7).

Jeremias explicou: “Escrevi então numa escritura e apus o selo, e tomei testemunhas ao pesar o dinheiro na balança. Depois tomei a escritura de compra, a que estava selada, e a deixada aberta; e então entreguei a escritura de compra a Baruque.” Em seguida, pediu a Baruque que colocasse essas escrituras de compra num vaso de barro e o selasse, a fim de protegê-las. Alguns eruditos acreditam que o fato de Jeremias ter dito que “escreveu” a escritura na realidade significa que ele a ditou a Baruque, o escriba profissional, que fez a escrita propriamente dita (Jer 32.10-14, 36.4, 17, 18; 45.1).

Baruque e Jeremias seguiram os procedimentos legais daquele tempo. Um desses era fazer uma escritura dupla. O livro *Corpus of West Semitic Stamp Seals* explica: “A primeira escritura era chamada de ‘escritura selada’, porque era enrolada e selada com uma ou mais bulas; continha a versão original do contrato. A segunda, a ‘escritura aberta’, era uma cópia da versão selada, que prevalecia, e destinava-se ao manuseio normal. Havia, portanto, dois textos, um original e uma cópia, escritos em duas diferentes folhas de papiro.” As descobertas arqueológicas confirmam o costume de guardar documentos em vasos de barro.

Por fim, os babilônios capturaram e incendiaram Jerusalém, e todos os seus habitantes, exceto alguns pobres, foram levados ao exílio. Nabucodonosor nomeou Gedalias como governador, o qual foi assassinado dois meses depois. Os judeus remanescentes planejavam mudar-se para o Egito, contra o conselho inspirado de Jeremias, e é nesse contexto que Baruque é mencionado novamente (Jer 39.2, 8; 40.5; 41.1, 2; 42.13-17).

Os líderes judeus disseram a Jeremias: “É uma falsidade o que estás falando. Jeová, nosso Deus, não te enviou, dizendo: ‘Não entreis no Egito para residir ali como forasteiros.’ Mas Baruque, filho de Nerias, te está instigando contra nós com o objetivo de nos entregar na mão dos caldeus, para sermos mortos ou para sermos

levados ao exílio em Babilônia.” (Jer 43.2, 3) Essa acusação parece indicar que os líderes judeus achavam que Baruque exercia uma grande influência sobre Jeremias. Será que acreditavam que Baruque, por causa de sua posição ou longa amizade com Jeremias, era mais do que apenas um simples escriba do profeta? Talvez, mas seja o que for que os líderes judeus pensassem, a mensagem era de Jeová.

Apesar dos avisos divinos, os judeus remanescentes partiram, levando junto “Jeremias, o profeta, e Baruque, filho de Nerias”. Jeremias registrou: “Por fim entraram na terra do Egito, pois não obedeceram à voz de Jeová; e aos poucos chegaram até Tafnes.” Essa era uma cidade fronteira no delta oriental do Nilo, limitando-se com o Sinai. Dali em diante, Baruque não aparece mais no relato bíblico (Jer 43.5-7).

Podemos aprender muitas coisas valiosas de Baruque. Uma notável lição é a sua disposição de usar no serviço de Yaweh com sua capacidade profissional e seus contatos, não importando as consequências.

Quando Baruque foi lembrado de que os últimos dias de Judá não eram tempo para “grandes coisas” pessoais, ele evidentemente reagiu de modo positivo, pois, de fato, recebeu sua alma como despojo. É razoável aplicar esse conselho a nós mesmos, pois também vivemos nos últimos dias de um sistema. A promessa de Yaweh para nós é a mesma — a nossa vida será poupada.

Essa história também nos ensina uma lição prática. Baruque ajudou Jeremias e o primo deste a realizar os necessários procedimentos legais no seu trato comercial, *embora* esses dois homens fossem parentes. Isso serve como precedente bíblico para os cristãos que têm tratos comerciais com seus irmãos espirituais. É bíblico, prático e bondoso seguir esse exemplo de colocar por escrito os acordos comerciais. Embora Baruque apareça apenas brevemente na Bíblia, ele é digno de nota para todos os cristãos atuais.

Tomados estes poucos e valiosos exemplos do AT, iremos para a análise de passagens do NT e de análises do contexto histórico do NT.